CURSO DE PSICOLOGIA

PROJETO DE PESQUISA

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: OS DETERMINANTES DA NÃO REPRESENTAÇÃO CONTRA SEUS AGRESSORES

SAMANTHA MENDONÇA SALES

MARIA EDILEUDA LIBERATO PORTELLA

EDNA MARIA PIMENTA DE SOUZA

Sobral/CE
2020

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **2**

1.1 Explicitação do tema .

1.2 A questão da pesquisa .

2JUSTIFICATIVA .

1.3 Objetivos Geral e Específicos .

3FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .

4 METODOLOGIA .

4.1 Tipo de pesquisa .

4.2 Cenário

4.3 Sujeitos .

4.4 Métodos e procedimentos .

4. 5 Aspectos éticos .

5 REFERÊNCIAS .

6 CRONOGRAMA .

1 INTRODUÇÃO

1.1 Explicitação do Tema

A forma de opressão e de crueldade nas relações entre homens e mulheres, estruturalmente construídas, reproduzidas, na cotidianidade e geralmente sofridas pelas mulheres. Esse tipo de violência se apresenta como forma de dominação e existe em qualquer classe social, entre raças, etnias e faixas etárias. Sua expressão maior é o machismo naturalizado na socialização que é feita por homens e mulheres. A violência de gênero que vitima, sobretudo as mulheres é uma questão de saúde pública e uma violação explícita aos direitos humanos. Para Castro (1992), gênero é a construção sociológica, política e cultural do termo sexo. Heilborn (1994) conceitua gênero como a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica de seres humanos.

A violência de gênero é um padrão específico fundada na hierarquia e desigualdade de lugares sociais sexuados que subalternizam o gênero feminino e amplia-se e naturaliza-se na proporção direta em que o poder masculino é ameaçado (SAFFIOTE; ALMEIDA, 1995). Estimamos que esse problema social causasse mais mortes às mulheres de 15 a 44 anos do que câncer, a malaria, os acidentes de trânsito e as guerras. Suas várias formas de opressão, dominação e de crueldade incluem assassinatos, estupros, abusos físicos, sexuais, e emocionais, prostituição forçada, mutilação genital, violência racial e outras. Os perpetradores costumam ser parceiros, familiares, conhecidos, estranhos ou agentes do Estado (GOMES *et al*, 2005).

As inúmeras abordagens nos dão uma dimensão do qual pertinente é o tema, ainda mais se consideramos que a violência doméstica se ramifica num anglo bem maior. Agressividade sempre está relacionada com as atividades de pensamento, imaginação ou de ação verbal e não verbal (OLIVEIRA, 2000).

De acordo com Bock (1999) no interior da família, lugar mitificado em sua função de cuidado e proteção, existem muitas outras formas de violência além da física e sexual. A violência psicológica é uma das mais presentes em mulheres vítimas de violência doméstica, paralelo a isso existe o desenvolver de doenças de cunho emocional, ansiedade e depressão, que levam essas mulheres ao uso de ansiolíticos e benzodiazepínicos, muitas vezes, de forma errônea. A violência sexual, uma das facetas do complexo fenômeno violência, desconhece barreiras de

classes sociais, tipos de cultura, níveis sócio-econômico e limitações individuais. Seus episódios acontecem tanto no espaço privado quanto no público, atingindo pessoas de ambos os sexos e de todas as faixas etárias (REIS; MARTIN; FERRIANE, 2004). A violência doméstica deixa marcas psíquicas importantes na criança, na mulher e demais membros.

De acordo com Oliveira (2000), a perda dos referenciais simbólicos tradicionais e o desenraizamento social e pessoal, a inexistência de oportunidades para a elevação do padrão de vida dentro das normas e instituições destas sociedades rigidamente hierarquizadas no plano social e igualitário no plano da ideologia e da formalidade da lei estão ligadas ao surgimento uma cultura da sobrevivência onde os traços marcantes a violência, a desvalorização da vida, e o não reconhecimento do, outro, principalmente quando pobre e minoria.

Existem também mulheres que assumem o papel matriarcal e patriarcal, algumas que passaram a vida dedicando-se ao lar e a família e de repente se vê sozinha e no desespero com medo da solidão procuram um companheiro e acabam sendo judiada psicologicamente e espancadas fisicamente.

A violência contra a mulher é uma temática em evidência na mídia há algum tempo, por ser uma prática silenciosa e que vitimiza muitas mulheres causando transtorno não só psicológicos, mas físico, emocional e social. Criada em 2006, a Lei 11.340/06, Lei Maria da Penha, veio como melhoria da qualidade de vida de vitimas de violência de gênero. Sendo uma homenagem a uma grande lutadora e inspiradora dessa lei que recebeu o seu nome. A Lei Maria da Penha prevê que, diante de uma denúncia de violência contra a mulher, a autoridade policial tome certas providências, como a prisão em flagrante do agressor, o recolhimento de armas ou instrumentos utilizados na agressão, a condução da vítima a um serviço de saúde e o seu encaminhamento a uma unidade policial para o registro da ocorrência. Além disso a lei garante uma série de medidas que podem ser colocadas em prática de acordo com a necessidade (LEMLE, 2008). Alguns autores chamam atenção ao fato de que a preocupação com o problema da violência é recente na história, o que estaria relacionado à modernidade e seus valores de liberdade e felicidade, consolidados na concepção de cidadania e dos direitos humanos(SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 1999). Diante disso a psicologia busca a compreensão humana, interagir com o indivíduo, valorizando ações como respeito, dignidade e procurando zelar pelo bem estar daqueles que assistem. Assim vê o ser humano estando inserido em um contexto sócia, educacional, cultural para que ao assistir se faça em toda a dimensão humana.

Dessa forma compreendendo a vivência da violência, analisando o agressor como um sujeito problemático, possibilitando o diálogo e a possibilidade de conhecimento e das atitudes causais e proporcionais da violência contra a mulher.

1.2 A questão da pesquisa

Quais os principais motivos encontrados pelas mulheres em não levar adiante a representação contra seus agressores na Delegacia Especializada em Defesa da Mulher – DEDM Sobral/CE?

2 JUSTIFICATIVA

A violência contra mulher é uma questão social de responsabilidade de todos. Desde a década de 80, mudança no quadro jurídico quanto social vem aparecendo para proporcionar melhorias para resolutividade nessa questão. No entanto, apesar da grande veiculação de propagandas criticando a violência de gênero, doméstica e principalmente contra a mulher, os números de casos ainda são crescentes.

O domínio do homem na família é um dos determinantes da violência. E desse modo o receio de agredida sair do lar ou mesmo a ideia de que o agressor vai mudar é presente na vida destas.

Segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo (2001), uma em cada cinco brasileiras sofreu algum tipo de violência por parte de algum homem: relatam casos de violência física, de violência psíquica e de assédio sexual. Calcula-se que a cada 15 segundos uma mulher é espancada em nosso país.

A violência contra a mulher tem sido crescente nestes últimos vinte anos. Esta realidade está definindo uma nova estrutura na sociedade. Varias razoes sejam elas econômicas,

ou psicológica, por existirem vários tipos de família tem sido apresentados para explicar esta mudança de comportamento.

Até um tempo atrás - não faz muito tempo! O modelo de família consistia em pai - mãe - prole. Esse modelo de família era considerado ideal pelo modo dominante de pensar da sociedade e por isso, bastante usado para classificar todos o outros modos de organização familiar, como desastrosos, desorganizado e problemáticos. (BOCK, 2006).

Neste cenário existem vários tipos de família, a qual algumas mulheres são submetidas a fazerem parte. Há aquelas que precisam de um companheiro para lhe ajudarem na sobrevivência com filhos de outros casamentos, mulheres que nunca tiveram a oportunidade de estudar, de se qualificar no mercado de trabalho.

2.1Objetivos

Geral

Analisar os motivos que levam as mulheres a não representarem contra seus agressores na DEDM(Delegacia Especializada em Defesa da Mulher) Sobral.

Específicos

– Investigar através de analises dos depoimentos coletados na pesquisa a realidade de vida dessas mulheres;

– Analisar o que favorecem e o que dificulta a resolução do problema;

– Averiguar as situações que determinam a desistência de levar o processo adiante;

– Identificar os motivos que levam as vítimas a não prosseguir com o processo contra seus agressores;

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

PSICOLOGIA SOCIAL
VERAS, M (2004) Crime ou Parceria Amorosa da Violência
ALMEIDA PRADO (2004)O dizer da Violência
OLIVEIRA, E. N. (2000) Pancada de Amor Doe e Adoece
OLIVEIRA, E.N. (2001) Saúde Mental e Mulheres
FREUD Laços Sociais no Interior da Cultura

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de pesquisa

Os procedimentos metodológicos que concretizarão a presente pesquisa se fundamentarão nos referenciais da pesquisa qualitativa. De acordo com Godoy (1995), a pesquisa qualitativa busca "compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo". Portanto as metodologias qualitativas são constituídas por um conjunto de técnicas interpretativas que tem por meta retraçar, decodificar ou traduzir fenômenos sociais naturais, com vistas à obtenção de elementos relevantes para descrever ou explicar estes fenômenos.- Estas metodologias não se limitam ao simples registro das frequências com que ocorrem estes fenômenos. De acordo com o nível de envolvimento do pesquisador, do grau de controle exercido e da temporal idade da pesquisa, os principais métodos da pesquisa qualitativa são o tudo de caso, a observação participante e a pesquisa-ação.

4.2 Cenário

A investigação terá como campo a Delegacia Especializada de Defesa da Mulher (DEDM) de Sobral, que é uma cidade da região Norte do Ceará, a 235 quilômetros de Fortaleza, que apresenta não só um grande crescimento econômico, como também um índice crescente de desenvolvimento sócio cultural e demográfico.

A Delegacia Especializada de Defesa da Mulher (DEDM) de Sobral/CE está localizada na Avenida Lúcia Sabóia, nº 358, Centro. Sendo a segunda sede desta que foi

inaugurada inicialmente em 13 de março de 2003, utilizando-se do espaço onde antes fora a Delegacia Regional de Polícia Civil. O funcionamento se dá com o trabalho de oito funcionários: uma delegada, um escrivão e seis inspetores, que atendem a demanda que chega durante o período de 8:00h as 17:00h de segunda à sexta-feira.

4.3 Sujeitos

Mulheres agredidas que procederam o boletim de ocorrência.

4.4 Métodos e procedimentos

Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha "fugido" ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

4.5 Aspectos éticos

È importante salientar que a pesquisa será realizada obedecendo os princípios da ética, sendo norteada pelos princípios da beneficência, não maleficência, autonomia e justiça, respeitando os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes e assegurando a confidencialidade e a privacidade dos participantes.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia.** 13ª. edição reformulada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 1999.

GODOY, A. S. "Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais", in **RAE**: Revista de administração de empresas, São Paulo: v.35, n.4, p.65-71, Jul./ago. 1995-b.

GOMES, R.; MINAYO, M.; SILVA, C. F.R. Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero. In: SOUZA, Edinilsa Ramos; MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Orgs.). **Impacto da Violência na Saúde dos Brasileiros**. Brasília: ministério da saúde. In: curso impacto da violência na saúde. 2005.

OLIVEIRA, E. N. **Saúde mental e mulheres: sobrevivência, sofrimento e dependência química licita**. Sobral: edições UVA 2000.

OLIVEIRA, Lucineire Lopes de. **A Mulher sujeita à violência masculina: Representação Social de sua Identidade**. 2001. 173f. (Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas. Violência contra mulheres: Interfaces com a Saúde. **Interface, Comunicação,Educação**, v. 3, n. 5, 1999.

_____; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas; FRANCA-JUNIOR, Ivan e PINHO, Adriana A. Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde.**Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n.4, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000400013&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 21 de maio de 2009.

_____; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas; HANADA, Heloisa; DURAND, Julia. Atenção integral à saúde de mulheres em situação de violência de gênero: uma alternativa para a atenção primária em saúde.**Ciênc. saúde coletiva**. 2009.

6. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ATIVIDADES	2016.1	2016.2	2017.1	2017.2
Cursar as disciplinas obrigatórias e optativas do mestrado - a combinar com o orientador.				
Revisão bibliográfica acerca do trabalho sobre a violência contra a mulher e a não representação contra seus agressores.				
Definição do escopo da pesquisa, universo amostral e metodologia.				
Qualificação do projeto.				
Realização do trabalho de campo e aplicação dos instrumentos de coleta dos dados (entrevista semi–estruturada).				
Analise dois dados coletados				
Redação final da dissertação.				
Defesa as dissertações de mestrado.				